



Reality Show Pentecostal: a recente transmissão do acolhimento de usuários de drogas nas redes sociais

Janine Targino¹

Resumo: Recentemente, tem-se notado a profusão de instituições e iniciativas comumente denominadas como “centros de recuperação”, “projetos” ou “institutos” entre os investimentos religiosos que visam atender usuários problemáticos de substâncias psicoativas (SPAs). Estas instituições e iniciativas, que se espalham pelas regiões metropolitanas do país, demonstram inédita desenvoltura com o uso de redes sociais e muitas delas fazem uso dessas plataformas para compartilhar o dia a dia daqueles que por elas são acolhidos. Na tentativa de esboçar certa compreensão no que se refere às instituições e iniciativas de caráter religioso que transmitem massivamente nas redes sociais o acolhimento de usuários problemáticos de SPAs, esta pesquisa propõe uma *etnografia virtual* dos perfis mantidos no Youtube e Facebook por uma iniciativa pentecostal entre os anos de 2022 e 2023. Entre os principais resultados da pesquisa estão a compreensão de que a iniciativa em tela opera tal qual um reality show, ao mesmo tempo em que transforma os testemunhos de seus acolhidos em uma forma de angariar “curtidas” e novos seguidores nas redes sociais.

Palavras-chave: usuários de SPAs; redes sociais; pentecostalismo.

Pentecostal reality show: the reception of problematic substance users broadcast on social media

Abstract: In recent years, there has been a notable rise in religious institutions' initiatives referred to as “recovery centres”, “projects”, or “institutes”, amongst the investment of groups, aimed at supporting individuals battling psychoactive substance abuse. These organizations, located in various metropolitan areas nationwide, have demonstrated unprecedented creativity in using social media, many of which are used as platforms to showcase the daily experiences of those in their care. Seeking to understand this phenomenon, in this context, this research explores how religious institutions and initiatives utilize social media to promote their efforts in aiding individuals with substance abuse issues. It specifically proposes a virtual ethnography of profiles managed by a Pentecostal initiative on YouTube and Facebook between 2022 and 2023. Amongst the key findings of this research are that these initiatives often operate like reality shows, employing those under their care' testimonials to secure “likes”, and attract new followers on social media.

Keywords: SPA users; social media; pentecostalism.

Reality Show Pentecostal:

la reciente difusión de apoyo a los consumidores de drogas en las redes sociales

Resumen: En los últimos tiempos se ha producido una profusión de instituciones e iniciativas comúnmente denominadas “centros de recuperación”, “proyectos” o “institutos” entre las inversiones religiosas destinadas a ayudar a los consumidores problemáticos de sustancias psicoactivas (SPA). Estas instituciones e iniciativas, que se extienden por las regiones metropolitanas del país, muestran un ingenio sin precedentes con el uso de las redes sociales y muchas de ellas utilizan estas

¹ Professora Adjunta do Departamento de Sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Professora Assistente da Universidade Cândido Mendes (UCAM). Atua no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ-UCAM) e coordena o Núcleo de Estudos da Religião (NUER-UERJ).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8516-5132>.

E-mail: janine.targino.silva@gmail.com



plataformas para compartir la vida cotidiana de las personas que acogen. En un intento por proporcionar algunas pistas sobre las instituciones e iniciativas de carácter religioso que difunden masivamente la recepción de usuarios problemáticos de SPA en las redes sociales, esta investigación propone una etnografía virtual de los perfiles mantenidos en Youtube y Facebook por una iniciativa pentecostal entre los años 2022 y 2023. Entre los principales resultados de la investigación está la constatación de que la iniciativa en cuestión opera como un reality show, al mismo tiempo que transforma los testimonios en una forma de ganar «likes» y nuevos seguidores en las redes sociales.

Palabras clave: Usuarios de SPA. Redes Sociales. Pentecostalismo.

Introdução

Nas últimas décadas, pesquisadores têm se empenhado para compreender o avanço das comunidades terapêuticas (CTs) no que tange aos investimentos para o acolhimento de usuários problemáticos de substâncias psicoativas (SPAs). As CTs, tal como foram definidas por Loeck (2018), são espaços de convivência compartilhados por indivíduos identificados como usuários problemáticos de SPAs, que temporariamente são retirados do seu convívio social para que, por meio deste afastamento, possam alcançar certa transformação subjetiva que os possibilite assumir um estilo de vida abstinente. Ainda segundo a definição de Loeck (2018), as CTs funcionam pautadas em um tripé formado pelas concepções de trabalho, disciplina e espiritualidade. Ou seja, além da completa abstinência do uso de qualquer substância psicoativa, as CTs enfatizam o cultivo da espiritualidade e o exercício do trabalho e da disciplina como estratégias para evitar que seus acolhidos² retornem ao uso de SPAs.

Importante destacar que a ampla maioria das CTs estabelecem o período de nove meses ou mais para que seja finalizado o atendimento do indivíduo acolhido. Inclusive, é bastante comum que as CTs exijam nos primeiros três meses de acolhimento de um indivíduo que ele não tenha qualquer contato com amigos e familiares, mesmo que apenas por telefone, para que se evite estimular “a vontade de abandonar o tratamento” (TARGINO, 2021a). Por fim, um dado de suma relevância trazido pelo IPEA nos informa que a maior parte das CTs brasileiras possui orientação religiosa evangélica (47%) e católica (27%). Isso quer dizer que no campo das CTs brasileiras predominam as instituições de orientação cristã.

Contudo, as CTs não são os únicos investimentos religiosos quando se trata de atender usuários problemáticos de SPAs. Além destas, nota-se a profusão de outras instituições e iniciativas comumente denominadas como “centros de recuperação”, “projetos” ou “institutos”³ que se espalham pelas regiões metropolitanas do país oferecendo atendimento a usuários de SPAs e pessoas em situação de rua. Ainda são necessárias mais informações acerca destas instituições e iniciativas, visto o pouco volume de dados disponíveis sobre elas. Contudo, um importante ponto de partida para a discussão a respeito deste fenô-

² Ao longo do texto será usado o termo “acolhido” para se referir aos indivíduos atendidos nas CTs, nos projetos e institutos. A utilização desse termo tem por objetivo expressar a condição em que esses indivíduos se encontram e como eles se reconhecem, uma vez que eles permanecem nessas instituições e iniciativas voluntariamente e podem sair a qualquer momento. No entanto, é importante ressaltar que esse é um termo êmico que tem sido utilizado especialmente no universo das CTs, mas que não reflete, necessariamente, uma definição amplamente aceita nos campos de política de drogas e saúde.

³ Nesta pesquisa, não serão exploradas as possíveis diferenças que existem entre os centros de recuperação, projetos e os institutos. Como esta ainda se trata de uma primeira análise sobre a questão em tela, optou-se por seguir com o estudo sem observar se existem diferenciações entre estas modalidades de instituições e iniciativas.



meno é que, ao que parece, os responsáveis por estas instituições e iniciativas buscam evitar que elas sejam confundidas com as já conhecidas CTs. Para sinalizar isso, pode-se mencionar um breve registro da etapa preliminar da pesquisa de campo realizada entre CTs cristãs nos anos de 2020 e 2021. Ao contactar alguns dos responsáveis por estes centros de recuperação, projetos e institutos localizados no Rio de Janeiro e São Paulo (que até então acreditava-se serem, também, CTs) para solicitar permissão para a realização de entrevistas entre seus acolhidos, as respostas recebidas foram bastante enfáticas: Não somos CT! Tendo em vista esse elemento de diferenciação em relação às CTs, é possível começar, a partir deste ponto, uma análise sobre a atuação desta outra categoria de investimento religioso que também se empenha na “recuperação” de usuários de drogas.

Tal qual as CTs, muitos destes centros de recuperação, projetos e institutos alimentam diariamente suas páginas e perfis em redes sociais como o Youtube, Facebook e Instagram⁴ com conteúdos inéditos para serem consumidos por seus seguidores. Porém, a análise preliminar de alguns destes centros de recuperação, projetos e institutos aponta que eles possuem inédita desenvoltura para a transmissão do cotidiano de seus acolhidos. Diferentemente das CTs, que preconizam o afastamento de seus acolhidos do mundo externo e podem, inclusive, impedir o acesso deles aos meios de comunicação, tem sido cada vez mais corriqueiro encontrar perfis de centros de recuperação, projetos e institutos que projetam em tempo real a rotina de seus acolhidos no Youtube, Facebook e Instagram. Da mesma forma, através das redes sociais mencionadas, os acolhidos nessas instituições e iniciativas interagem com os seguidores que acompanham as intimidades e conflitos expostos virtualmente. Certamente, esta é umas das primeiras diferenciações fundamentais entre as CTs e as demais instituições e iniciativas mencionadas, pois, nas CTs, o isolamento físico e virtual dos acolhidos é adotado como parte da estratégia do atendimento oferecido aos usuários problemáticos de SPAs. Todavia, muitos centros de recuperação, projetos e institutos demonstram que o isolamento físico prescinde do isolamento virtual. Ainda que nestas instituições e iniciativas os acolhidos também sejam retirados do convívio social “presencial”, eles são mantidos “virtualmente disponíveis” através da internet.

Importante salientar que a investida de grupos evangélicos e católicos nos meios de comunicação trata-se de um fenômeno observado no Brasil por pesquisadores como Carranza (2006), Fonseca (1998, 2003) e Mariz (1998), que apontam para a relação de extrema proximidade que determinadas igrejas cristãs estabelecem com as mídias, seja como empreendedoras editoriais e proprietárias de veículos ou detentoras de espaços nas grades de programação de canais de TV e emissoras de rádio. Dentro do panorama analisado por estes autores, pode-se dizer que a compreensão acerca das religiões na contemporaneidade brasileira passa necessariamente pelo estudo de como elas se relacionam com as mídias, assim como já não seria possível tratar sobre as mídias sem considerar a maneira como elas se relacionam com as religiões (HOOVER, 2014). No bojo desta questão, encontra-se também o crescimento exponencial do alcance das redes sociais *virtuais*, proporcionado pela popularização das mídias digitais e do acesso à internet nas últimas décadas (CORDEIRO, GOMES & WAIZBORT (2023). Nesse sentido, Cunha (2017a, 2017b)

⁴ Segundo a empresa norte-americana de análise da internet Comscore, no ano de 2023 o Brasil foi o terceiro país que mais consumiu redes sociais em todo o mundo. Ainda de acordo com a Comscore, o YouTube, o Facebook e o Instagram são as redes sociais mais acessadas pelos usuários brasileiros. Disponível em: <https://www.comscore.com/por/Insights/Apresentacoes-e-documentos/2023/Tendencias-Digitais-2023>. Acesso em: 19 jul. 2024.



indica que a presença de grupos religiosos cristãos, especialmente evangélicos, também avança progressivamente no espaço virtual.

Na tentativa de esboçar certa compreensão no que se refere às instituições e iniciativas de caráter religioso que transmitem massivamente nas redes sociais o acolhimento de usuários problemáticos de SPAs e indivíduos em situação de rua, esta pesquisa propõe uma *etnografia virtual* dos perfis mantidos no Youtube e Facebook por uma iniciativa pentecostal entre os anos de 2022 e 2023. Enquanto metodologia de pesquisa, a etnografia virtual (também chamada de *netnografia*) pode ser definida como o método predominantemente usado para análise das mídias sociais (SANTOS & GOMES, 2013), que surgiu em função da necessidade de pesquisadores abordarem as interações sociais *on-line* em suas pesquisas (SOARES & STENGEL, 2021). Ou seja, para os pesquisadores interessados nos meios de comunicação mediados pela tecnologia, a netnografia se apresenta “como uma forma especializada de etnografia adaptada às contingências específicas dos mundos sociais de hoje mediados por computadores” (KOZINETTS, 2010, p. 9-10).⁵

Segundo o material analisado na pesquisa, a iniciativa que serviu de *locus virtual* para a observação se classifica como um projeto voltado para o atendimento de pessoas em situação de rua e usuários problemáticos de SPAs. Os responsáveis pela iniciativa são um casal de pastores pentecostais que antes de investirem na materialização do projeto haviam fundado uma igreja na região metropolitana de uma capital localizada na região noroeste do Brasil. O projeto, que ganhou vida nos últimos quatro anos, passou a transmitir em *lives* do Facebook e Youtube⁶ toda rotina das mulheres e homens por ele acolhidos. Juntamente às *lives*, os perfis mantidos pelo projeto em ambas as redes sociais recebem diariamente vídeos curtos que mostram desde acontecimentos corriqueiros até eventos extraordinários. Destaca-se que todo conteúdo exposto nas redes sociais do projeto é produzido pelo casal de pastores fundadores da iniciativa.

Ao assistir o conteúdo disponível nas plataformas mencionadas, é possível encontrar filmagens de situações de “resgates” de usuários problemáticos de SPAs em cenas abertas de uso de drogas⁷ da cidade, assim como vídeos onde são expostos os conflitos que os acolhidos vivenciam em função da desafiadora convivência estabelecida por eles no projeto. Imagens dos cultos de libertação, onde os acolhidos recebem orações para se livrarem dos demônios que, segundo a narrativa religiosa internamente compartilhada, os levam a usar substâncias ou a viver as ruas, são igualmente comuns no acervo mantido pelo projeto em seus perfis nas redes sociais analisadas.

⁵ A etnografia virtual, ou netnografia, possui particularidades que a distingue da história digital. Embora ambas sejam metodologias de pesquisa voltadas para os ambientes digitais, a história digital busca descrever os personagens da internet como fontes historiográficas com características específicas (ROLLAND, 2004 apud PY, 2021), enquanto a netnografia visa abordar “as atividades sociais e interações das pessoas na internet e por meio de outros meios de comunicação mediados pela tecnologia” (KOZINETTS, 2010, p. 9).

⁶ Considerando que o Youtube, o Facebook e o Instagram são as redes mais acessadas entre os usuários brasileiros (COMSCORE, 2023), esta pesquisa buscou priorizar os perfis mantidos pelo projeto nestas redes sociais. Contudo, fora encontrado perfis vinculados ao projeto apenas no Youtube e Facebook.

⁷ Cenas abertas de uso de drogas são espaços públicos onde ocorre a aglomeração de indivíduos para consumir e vender drogas ilícitas. Comumente, estes espaços são chamados de “cracolândias” nas regiões metropolitanas (RUI, 2012)



Ainda que todo conteúdo analisado nesta pesquisa seja de acesso público, optou-se por manter o anonimato da iniciativa e, conseqüentemente, também de seus acolhidos e dos líderes religiosos responsáveis pelo projeto. Por isso, ao longo das próximas páginas deste artigo, a iniciativa será denominada apenas como Projeto X. Sobre este ponto, parte-se do entendimento de que quaisquer dados sobre sujeitos humanos levantam, inevitavelmente, questões de privacidade e que existem riscos difíceis de serem mensurados quando estes dados são explorados (SOUZA, CARVALHO, 2016). Por outro lado, nenhum contato foi estabelecido diretamente com os pastores responsáveis pela iniciativa ou com seus acolhidos. Dessa maneira, todo conteúdo analisado nesta pesquisa é oriundo somente das postagens realizadas nos perfis mantidos pelo Projeto X nas duas redes sociais supracitadas. Por isso, esta pesquisa está fundamentada na compreensão de que a análise das redes sociais do Projeto X não é, de imediato, um estudo sobre o Projeto X em si. A priori, não é possível dizer que o conteúdo das redes sociais é fiel à rotina daqueles que vivem naquele espaço. Com isso em vista, reconhece-se que um melhor entendimento acerca do funcionamento da iniciativa em questão demandaria uma pesquisa presencial com algum nível de observação em campo. De todo modo, deve-se enfatizar, tal como preconiza Sá (2005), que tanto a relação face a face que ocorre na etnografia tradicional, como a relação virtual que acontece numa etnografia virtual, são mediadas. Para a autora, a ideia de um encontro que seja “realmente autêntico” com o outro não existe, pois todas as relações são mediadas em algum grau. Diante disso, não caberia ranquear ou qualificar as relações, mas sim aproveitar as potencialidades que cada uma delas pode proporcionar para uma pesquisa.

No que concerne ao período do material analisado, tendo em vista o volume de conteúdo disponível, optou-se pela observação das postagens realizadas entre os anos de 2022 e 2023. O material da pesquisa foi composto por aproximadamente 200 vídeos postados no Facebook e 60 vídeos postados no Youtube pelo Projeto X. Cada vídeo tem em torno de 10 minutos de duração, o que faz com que os dados esmiuçados na pesquisa se expressem em algo próximo de 40 horas de conteúdo audiovisual. O grande desequilíbrio quanto ao número de vídeos presentes nas duas redes sociais pode-se dever ao fato de que há, também, uma grande discrepância entre a quantidade de seguidores que o Projeto X tem nas duas plataformas. No Youtube, encontra-se o registro de pouco menos de 25 mil seguidores, um número bastante expressivo, mas que não se compara aos quase 980 mil inscritos conquistados no Facebook. Esta diferença no volume de seguidores entre as redes sociais pode ajudar a explicar o porquê de o Projeto X priorizar o investimento nas postagens de conteúdo no Facebook. Uma vez que possui mais seguidores nesta rede social, pode existir a expectativa de que as postagens alcancem mais pessoas. Acrescenta-se, ainda, que todo acesso ao conteúdo analisado ocorreu por meio de uma conta pessoal mantida nas redes sociais que serviram de plataforma para a pesquisa.

A seguir, será apresentada a análise segundo dois recortes. No primeiro, será observado a forma de funcionamento e a organização do Projeto X. Já no segundo recorte, será exposto o argumento de que o Projeto X, por meio do uso massivo de redes sociais, se transforma em uma espécie de *reality show pentecostal* onde a intimidade dos acolhidos, assim como os conflitos vividos entre eles, são oferecidos ao público como principal conteúdo.

O Projeto X e seus acolhidos



Antes de seguir com a análise, torna-se de suma importância ilustrar para os leitores como é o espaço físico do Projeto X e da igreja mantidas pelo casal de pastores, dado que a ampla maioria dos vídeos⁸ postados nas redes sociais são gravados nestes dois espaços. O cenário mostrado nas gravações revela uma pequena chácara, onde existem instalações que recebem homens e mulheres, sejam eles usuários problemáticos de SPAs ou pessoas em situação de rua. Existem quartos separados para o público feminino, assim como para o contingente masculino. Mas, a separação dos espaços por gênero se limita apenas aos quartos de dormir. As demais instalações da chácara são compartilhadas por ambos os grupos acolhidos, que se encontram durante as refeições realizadas no refeitório e nas demais atividades que ocorrem no pátio. Ainda, tendo como base o material estudado para a pesquisa, é possível afirmar que a iniciativa acolhe aproximadamente 25 pessoas, sendo pelo menos dois terços delas compostas por homens.

Dentro desta chácara existe, também, uma igreja. Nela, os cultos são realizados pelo casal de pastores idealizadores da iniciativa. A igreja trata-se de um local muito simples, com aproximadamente 30 cadeiras de plásticos colocadas sobre o chão de terra batida, debaixo de uma cobertura de telhas de amianto. Sabe-se, por meio do material estudado, que a igreja existia antes do Projeto X, mas não é possível afirmar que as instalações da igreja sempre foram as mesmas, ou seja, que a igreja sempre existiu dentro da chácara que aparece nos vídeos postados.

Os cultos desta igreja ocorrem todos os dias às 18h e se dividem entre diferentes temáticas. Às terças e sextas são realizados os cultos de “libertação”, onde os pastores fazem orações para afastar os “demônios” que provocam problemas na vida dos acolhidos. Nesses cultos frequentemente ocorrem “manifestações” entre os acolhidos, que são seguidas de orações para “expulsar” o demônio. Já às quartas e domingos os cultos são dedicados ao que os pastores denominam como “busca pelo espírito santo”. Nestes cultos, as orações dos pastores falam repetidamente sobre a necessidade de os acolhidos “verdadeiramente aceitarem Jesus” e, assim, permitirem que o espírito santo entre em suas vidas. Às quintas-feiras os cultos são voltados para as questões familiares. No chamado “culto da família” os pastores pregam sobre a importância de os acolhidos repararem os danos que possivelmente causaram aos seus familiares, enquanto também enfatizam a relevância das boas relações familiares para que os acolhidos possam, de fato, abandonar o uso de SPAs. Às segundas acontecem os “cultos da conquista”, ocasião em que os pastores falam acerca da necessidade de os acolhidos estabelecerem planos para as suas vidas. Comumente, nestes cultos os pastores incentivam os acolhidos a voltarem a estudar e buscarem emprego após terminarem o período de permanência no Projeto X. Por fim, aos sábados, no “culto da cura” os pastores oram para que os acolhidos se livrem das suas enfermidades, ao mesmo tempo em que as pregações destacam os malefícios provocados pelas drogas.

A pastora e o pastor que lideram o Projeto X ministram a maioria dos cultos juntos. Um aspecto relevante a ser citado é que os cultos são abertos ao público em geral, ou seja, não são restritos aos moradores da chácara. Todavia, por meio do material analisado na pesquisa, constatou-se que a presença de pessoas “de fora” nos cultos é bastante baixa. Outro ponto de destaque é que, embora sejam realizados cultos sobre diversas temáticas, os cultos de libertação são a “matéria-prima” mais usada para gerar conteúdo

⁸ Exceto os vídeos de “resgate” onde o casal de pastores vai até cenas abertas de uso de substâncias da região metropolitana para convencer homens e mulheres a aderirem ao acolhimento oferecido pelo Projeto X. Estes vídeos são chamados de “dias de resgate” e, em geral, ganham legendas impactantes que fazem menção ao uso problemático de SPAs como algo que degrada a vida dos indivíduos.



para as redes sociais. Ainda, as postagens que mostram imagens dos cultos de libertação estão entre as que obtém maior engajamento dos seguidores dos perfis do Projeto X no Youtube e Facebook.

Nos vídeos analisados não é mencionado se o Projeto X conta com alguma equipe técnica para auxiliar os pastores responsáveis. Dessa forma, através do conteúdo observado, tem-se apenas o registro de que todo trabalho de acompanhamento dos acolhidos é realizado pelos pastores, embora estes recebam alguma assistência dos acolhidos que ocupam a função de monitores. Os monitores são os acolhidos mais antigos do Projeto X que alcançaram certo nível de confiança dos pastores e sua principal atribuição é assegurar que a convivência entre os moradores da chácara ocorra sem maiores problemas. Com base no material analisado, não é possível dizer se os monitores são remunerados ou se possuem algum outro tipo de benefício pela atividade que exercem. Contudo, uma distinção importante entre os monitores e os demais acolhidos é que os primeiros possuem permissão para sair da chácara sozinhos⁹, seja para estudar ou realizar outras atividades. Em diversas ocasiões, é citado pelos pastores que os monitores também devem servir de exemplo para os demais acolhidos, uma vez que eles personificavam o estilo de vida abstinente que os acolhidos buscam alcançar.

Os apontamentos de Goffman (1996) sobre o conceito de carreira moral auxiliam na compreensão do papel exercido pelos monitores do Projeto X. Segundo o autor, a carreira moral pode ser definida como a sequência de mudanças que produzem efeitos na identidade e no esquema de imagens da pessoa para julgar os outros e a si própria. Nesse sentido, o conceito de carreira moral pode ser aplicado à trajetória dos monitores, visto que, dentro do Projeto X, esses indivíduos representam a experiência de reordenamento moral diante do uso de SPAs. Concomitantemente, os monitores podem atuar como agentes do reposicionamento moral dos demais acolhidos, proporcionando ao Projeto X a possibilidade de concretizar seus objetivos.

Os acolhidos devem frequentar os cultos diariamente como parte do *tratamento*¹⁰ ofertado pela iniciativa. Na ocasião dos cultos, homens e mulheres em acolhimento recebem orações dos pastores para se libertarem do mal que os aflige. As cenas dos cultos e demais interações que ocorrem entre os pastores e os acolhidos do Projeto X são o grande mote que atravessa os vídeos postados nas redes sociais observadas. Interessante ressaltar que o casal de pastores diversas vezes menciona, ao longo dos vídeos postados, que eles possuem os direitos de imagens dos acolhidos pelo Projeto X. Segundo declarações dos responsáveis pela iniciativa, ao ingressarem no Projeto X todos os indivíduos são informados de que terão suas imagens expostas em redes sociais. Para que isso seja feito de forma legal e sem prejuízos futuros para os envolvidos, todos os acolhidos assinam um termo cedendo seus direitos de imagem aos pastores.

⁹ Em geral, os acolhidos não possuem permissão para sair da chácara sozinhos. Sempre que precisam realizar alguma atividade fora da chácara, os acolhidos são acompanhados pelos monitores ou pelos pastores.

¹⁰ De acordo com o material analisado, foi possível constatar que o termo “tratamento” é usado pelos pastores para classificar o tipo de atendimento que oferecem aos usuários problemáticos de SPAs. Por isso, é bastante comum encontrar entre as postagens do Projeto X no Youtube e Facebook vídeos com legendas que fazem uso deste termo, como por exemplo, “*** abandonou o tratamento hoje” ou “Vamos convencer *** a aceitar nosso tratamento”. Todavia, está fora dos propósitos desta pesquisa analisar se os serviços oferecidos pelo Projeto X constituem, ou não, uma espécie de tratamento. Por isso, optou-se por se referir ao trabalho realizado pelos pastores como um acolhimento. Da mesma forma, como explicitado anteriormente, os indivíduos recebidos pelo Projeto X serão, aqui, tratados como acolhidos.



As transmissões ao vivo, que posteriormente ficam disponíveis para serem assistidas assincronamente pelos seguidores, ocorrem em maior número através da página do Projeto X no Facebook. Nestes vídeos, é muito comum encontrar relatos dos acolhidos onde eles falam sobre suas experiências de sofrimento vivendo nas ruas e/ou usando drogas. Aqueles recém-chegados ao Projeto X são os que trazem os relatos mais sensíveis e passíveis de serem explorados nas postagens. Em uma sequência de cinco vídeos postados no Facebook, ao longo de três dias, uma moça de aproximadamente 20 anos relatou um caso de violência que sofreu pouco antes de chegar à chácara. Em seu relato, ela diz que foi agredida fisicamente e sexualmente por dois homens desconhecidos enquanto estava sob efeito de crack. As camadas da violência sofrida pela moça são exploradas a cada vídeo. No primeiro, o pastor pede para que ela conte aos seguidores¹¹ da página o porquê de ela estar com a cabeça envolvida por ataduras, ao qual ela responde que está machucada por ter levado algumas pauladas. Ele insiste e pergunta “como foi isso?”, e ela responde: “eu não sei, acho que desmaiei na primeira batida”. Nos dois vídeos seguintes o pastor segue entrevistando a moça, mas as perguntas seguem outro rumo. Ele questiona: “fiquei sabendo que quem fez isso com você fez outro tipo de ruindade também, né, minha filha?”. E ele acrescenta: “também sei que já estão atrás deles”. Ela, chorando copiosamente, responde que sim, que a agressão física ocorreu juntamente à violência sexual. Muito constrangida ela pede: “posso ir ali, ficar com as meninas?”. E assim, o vídeo se encerra. Já nos dois últimos vídeos, o pastor pede novamente para que a moça fale com os seguidores. Ele diz: “fala para o pessoal que essa vida de droga só traz desgraça, fala. Tem gente que vai ver você e vai pensar duas vezes antes de fumar uma pedra”. E assim a moça o faz, dizendo diante da câmera que “saíam dessa vida enquanto há tempo”, que “só tem dois caminhos para quem vive assim, a cadeia ou o caixão”. Logo após, ela abaixa a cabeça e fica quieta. Em seguida, o pastor encerra o vídeo com uma fala onde destaca a importância do Projeto X para aquela localidade, e pede doações aos seguidores para que a “obra não pare”. Ao fim, a mensagem que fica é que todas as violências sofridas pela moça estão enraizadas no fato dela fazer uso de crack. Nada além disso é problematizado.

Relatos como o dessa moça, que exploram a dimensão do sofrimento vivido em função do uso de drogas, são também muito presentes no acervo do canal do Projeto X no Youtube. Ao mesmo tempo, outra modalidade de vídeos muito comuns, tanto no Youtube quanto no Facebook, são os que mostram os cultos de libertação, ocasião em que diversos acolhidos são mostrados “manifestando demônios”. Em um dos vídeos postados no canal do Projeto X no Youtube, um rapaz com aproximadamente 25 anos está sentado em uma cadeira, de cabeça baixa e com as mãos posicionadas para trás. O pastor que ministra o culto diz: “ele estava passando mal desde cedo, mas ninguém sabia por quê. Está aí o porquê. Ele está cheio de demônio ainda, está carregado!”. Na sequência, o pastor se aproxima do rapaz e coloca as mãos sobre a cabeça dele. Ali, tem início uma oração de libertação, com outros acolhidos ao redor orando em voz alta junto ao pastor. O rapaz se contorce sentado na cadeira, grita algumas palavras incompreensíveis, levanta a cabeça e revela na face uma expressão de dor. A câmera se aproxima do rapaz e revela ainda mais de perto suas expressões diante da oração do pastor. Esta cena dura algo em torno de dois minutos, até que o pastor “expulsa” o demônio e o rapaz, ainda sentado na cadeira, parece ter saído do transe. Ele olha

¹¹ Outra dimensão importante, que infelizmente não pode ser abordada na presente pesquisa, é a maneira como os seguidores das páginas do Projeto X nas redes sociais reagem às postagens. Entretanto, é possível dizer que os vídeos com conteúdo mais sensíveis, que mostram relatos dos acolhidos, e vídeos que mostram os cultos de libertação, são os que alcançam maior engajamento, tendo mais “curtidas” e comentários de apoio à iniciativa dos pastores.



ao redor e vê seus colegas de acolhimento. Prontamente, o pastor diz: “você só será liberto quando aceitar Jesus, do que adianta eu expulsar o demônio agora e você deixar ele voltar?”. O rapaz parece desorientado, mas o pastor segue com sua pregação se voltando aos demais presentes. Logo em seguida, o vídeo termina de forma abrupta.

Para melhor compreender os elementos que compõem a cena descrita, é fundamental observar como a literatura sobre a cosmologia pentecostal apresenta as visões de indivíduo e liberdade presentes nessa corrente religiosa. Estudiosos como Birman (1997), Guimarães (1992), Mariz (1997, 1999) e Rolim (1987) destacam que a importância dada ao demônio no pentecostalismo favorece uma interpretação onde o demônio é responsabilizado por causar infortúnios e malefícios de todos os tipos. Além disso, o demônio também é visto como o culpado por induzir as pessoas a terem comportamentos impróprios, como o uso em drogas, prostituição, roubo, entre outros. Dessa forma, a cosmologia pentecostal enxerga aqueles que demonstram comportamento divergente como sendo oprimidos e subjugados pelas forças demoníacas (BIRMAN, 1997; MACHADO, 1996; MARIZ, 1997, 1999). Portanto, a responsabilidade pelos erros de conduta não recairia sobre o indivíduo desviante em si, mas sim sobre as forças espirituais que agem de forma negativa, levando-o a se comportar dessa maneira.

Relacionado ao destaque dado ao demônio, encontra-se a importância atribuída à palavra “libertação”. Segundo Mariz (1994), a concepção de libertação utilizada no pentecostalismo sugere que as pessoas são vulneráveis e podem ser dominadas pelo mal. Sendo assim, essas pessoas não são consideradas responsáveis pelos males que causam, sendo vistas apenas como vítimas. Nesse contexto, as histórias de ex-usuários problemáticos de álcool convertidos ao pentecostalismo são especialmente elucidativas, uma vez que, para esses indivíduos, somente através do processo de libertação do demônio ou do mal é que a libertação do alcoolismo se torna possível (MARIZ, 1994).

Voltando o olhar para o Projeto X, é possível constatar que a narrativa presente no conteúdo postado nas redes sociais associa, invariavelmente, a “cura para a dependência química” à libertação dos demônios. Isto é, segundo a compreensão compartilhada no âmbito desta iniciativa, o usuário problemático de SPAs é visto como um indivíduo que sofre de uma doença provocada pelas forças do mal. Justamente por isso, a cura para o “vício” depende fundamentalmente de que o diabo seja expulso da vida do usuário. Paralelamente, o material analisado para esta pesquisa revela que o Projeto X está comprometido com a ideia de que apenas a completa abstinência de drogas ilícitas ou lícitas é aceitável entre seus acolhidos, posto que nenhuma postura identificada como prática de redução de danos é tolerada.

Os relatos de “cura da dependência química” são muito frequentes nas redes sociais do Projeto X. Tais relatos são expostos em formato de testemunhos, onde os próprios acolhidos contam suas experiências de transformação para os seguidores. Conforme indica Smilde (2011), a prática do testemunho é algo bastante presente entre as manifestações de cristianismo renovado. Nestes relatos, é comum que os indivíduos explorem a caminhada que percorreram até a conversão e libertação, marcando narrativamente um “antes” e “depois” que localiza cronologicamente uma vida pregressa de sofrimento que é abandonada em prol de uma nova vida que coaduna com os princípios entendidos como condizentes à narrativa religiosa por eles assumida. Entre usuários problemáticos de SPAs que buscam acolhimento em CTs de cunho religioso, por exemplo, o testemunho cumpre o importante papel de ilustrar o processo de “recuperação”. Segundo Teixeira (2013, 2016), o testemunho no contexto das CTs vai além da simples construção de



uma narrativa, pois busca retratar a capacidade que os indivíduos e a instituição possuem para transformar uma vida marcada pelo pecado em um registro de “transformação de si”.

De acordo com Smilde (2011), no que tange ao discurso sobre a vida pregressa apresentado pelos seguidores das formas de cristianismo renovado,

Há boas razões para manter distância crítica do discurso do sofrimento. Uma vez que o movimento evangélico, como todas as formas de cristianismo renovado, tem no seu centro uma narrativa de “já estive perdido, agora me achei”, é totalmente plausível acreditar que isso pode ter pouco a ver com os fatos biográficos dos seguidores e sirva de meio para reforçar o capital carismático. Os pentecostais podem muito bem exagerar o sofrimento e as dificuldades do passado com o propósito de demonstrar purificação semelhante à de Jó ou “até que ponto chegaram” tendo Deus ao seu lado (SMILDE, 2012, p. 75).

No escopo do material analisado para a pesquisa, percebe-se que o testemunho dos acolhidos pelo Projeto X é mobilizado de forma muito semelhante à encontrada em outras nuances do cenário pentecostal. Em diversas postagens do Facebook, assim como em vários vídeos disponíveis no Youtube, são expostas as narrativas dos acolhidos onde eles falam sobre as mudanças que vivenciaram após chegarem ao Projeto X. Nestes relatos, é comumente acionado o marco cronológico de delimita o antes e depois, sendo o antes pautado por uma vida de sofrimento no uso de drogas e o depois alcançado através da conversão e prática de completa abstinência de SPAs.

Pode-se mencionar dois exemplos, um retirado do perfil mantido pelo Projeto X no Facebook e outro que se encontra no acervo de vídeos do canal no Youtube. No primeiro, um rapaz que aparenta não ter mais do que 20 anos de idade, relata que chegou à chácara bastante doente em função do uso abusivo de álcool. Ele diz que, segundo médicos que lhe atenderam em uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), seu fígado já não era capaz de processar tamanha quantidade de bebida alcoólica ingerida, mas que ainda assim ele não conseguia reduzir o consumo. Sua saúde deteriorada o leva a buscar a ajuda do casal de pastores, que prontamente o acolheram. O rapaz, que relata estar no Projeto X há pouco mais de dois meses, enfatiza que desde sua chegada à chácara não mais fez consumo de bebidas alcoólicas. Ele segue dizendo que sua condição física melhorou neste breve período, o que ele atribui a um milagre alcançado por meio das orações feitas pelo pastor e pela pastora. Quando perguntado pelo pastor se ele pretende voltar aos hábitos pregressos, o rapaz se mostra incisivo ao afirmar que jamais faria isso, que sua conversão foi “de fato e de verdade”, e que ele agora se sente um verdadeiro homem de Deus.

No segundo relato extraído do Youtube, tem-se a narrativa de uma mulher idosa, onde ela fala sobre como o poder de Deus mudou sua vida “da água para o vinho”. Ela, que informa ter sido usuária de crack por muitos anos, conta que buscou ajuda para deixar o uso da droga em clínicas e centros de recuperação da cidade. No entanto, nada parecia ser capaz de oferecer auxílio para ela nessa empreitada. Certa feita, em uma ocasião em que ela estava numa área da cidade chamada popularmente de “fumódromo”¹², foi convidada pelo pastor responsável pelo Projeto X para ir com ele até a chácara. Ela diz que não sabia que o Projeto X se tratava de uma iniciativa de cunho religioso, mas que isso não foi um impeditivo para que ela aceitasse o

¹² Fumódromo seria uma espécie de sinônimo para o termo Cracolândia, bastante usado em regiões metropolitanas do Sudeste.



“tratamento” oferecido. Com o passar dos dias, após entender melhor a rotina da chácara e participar dos cultos e estudo bíblico, a mulher relata ter se “encantado” com a atmosfera do lugar. Concomitantemente, ela descreve seu processo de conversão religiosa e o desejo de continuar frequentando os cultos mesmo após terminar o “tratamento”¹³. Em seu relato, ela sublinha como sua vida foi transformada após ingressar no Projeto X, sobretudo por ter conseguido abandonar o uso de crack, algo que a acompanhou por anos. Ela igualmente atribui a um “milagre” o fato de estar em completa abstinência da substância há meses. Em sua perspectiva, somente a “mão de Deus” foi capaz de ajudá-la a “se curar do vício”.

Percebe-se que os testemunhos encontrados entre o material analisado na pesquisa não se distinguem quanto a estrutura narrativa já bastante conhecida por pesquisadores que se dedicaram à compreensão deste fenômeno. Entretanto, no que se refere ao objeto aqui observado, tem-se a inovação do uso dos testemunhos como um recurso narrativo capaz de “conquistar likes” dos usuários das redes sociais. Isso fica evidente na maneira como esses relatos, após serem transformados em conteúdo para as redes sociais, são acrescidos de pedidos de “likes” por parte dos pastores responsáveis pelo Projeto X. Dessa forma, é bastante comum, logo após o relato de testemunho do acolhido, que o pastor ou a pastora solicite àqueles que gostaram do conteúdo que deixem um “like” para “ajudar o projeto”.

Interessante ressaltar que a busca por “likes” não é, de forma alguma, uma exclusividade dos representantes do Projeto X, visto que este tipo de comportamento é muito presente entre produtores de conteúdo para redes sociais (SIBILIA, 2016). Deve-se considerar, também, que a difusão do uso de redes sociais tornou-se terreno fértil para uma prática “confessional” onde os indivíduos sentem-se cada vez mais à vontade para compartilhar publicamente acontecimentos da vida privada. Sendo assim, as redes sociais se revelam como um espaço onde pessoas comuns podem expor seus testemunhos (sejam eles de cunho religioso ou não) de forma pública e cotidiana:

Ao longo das últimas duas décadas, a rede mundial de computadores tem dado à luz um amplo leque de práticas que poderíamos denominar “confessionais”, pois permitem a qualquer um dar um testemunho público e cotidiano de quem se é. Milhões de usuários de todo o planeta – gente considerada comum, como *eu* ou *você* – têm se apropriado de diversas ferramentas disponíveis on-line, que não cessam de se expandirem, e as utilizam para expor publicamente aquilo que algum tempo atrás teria sido protegido por fazer parte da intimidade. Gerou-se, assim, um verdadeiro festival de vidas privadas que se oferecem despidoradamente aos olhares do mundo inteiro. As confissões diárias de *você*, *eu* e todos *nós* estão aí, em palavras e imagens, à disposição de quem quiser bisbilhotá-las. Para isso, basta apenas um clique do mouse; e, de fato, tanto *você* como *eu* e todos *nós* costumamos dar esse passo (SIBILIA, 2016, p.52).

¹³ Tendo como base o material analisado nesta pesquisa, não é possível dizer qual o tempo ou prazo determinado para que o “tratamento” dos acolhidos seja finalizado. Por outro lado, em diversas postagens das redes sociais observadas é mencionado o fato de que alguns acolhidos do Projeto X habitam a chácara há mais de dois anos. Infelizmente, os dados analisados não são suficientes para determinar se estes acolhidos de longa permanência são casos do que se poderia chamar de “tratamento prolongado”, ou se são indivíduos que, por quaisquer motivos, decidem continuar vivendo naquele local mesmo após finalizarem o “tratamento”.



Reality Show Pentecostal

O empreendimento audiovisual do Projeto X nas redes sociais faz pensar que ele atua semelhante a um reality show. Neste ponto, as reflexões de Silvia Viana (2012) parecem especialmente úteis para a discussão. Segundo a autora, os programas de TV conhecidos como reality shows podem ser classificados como uma espécie de ritual de sofrimento, onde explora-se justamente o sofrimento dos seus participantes. Ainda de acordo com Viana (2012), os reality shows trazem como novidade para a indústria cultural a possibilidade de junção entre o entretenimento, o prazer, o descanso, a distração e sofrimento. Ou seja, esta categoria de programa possui uma duplicidade na maneira como apresenta e explora seu conteúdo. Para a autora, estes programas organizam “experimentos” que, embora causem sofrimento em seus participantes, são validados pela concepção de que constituem ocasião para aprimorar a capacidade das pessoas de “se superar”. Inclusive, ela destaca que só recentemente foi possível televisionar este tipo de “cena de tortura”, onde sobressaem as disputas, brigas e exposição de questões íntimas dos participantes.

Na perspectiva de Viana (2012), a possibilidade de existência deste tipo de programa nos tempos atuais revela as profundas mudanças ocorridas no mundo do trabalho, posto que, segundo a autora, os reality shows não seriam possíveis no regime de acumulação anterior. Aqui, os reality shows são compreendidos como um típico produto do capitalismo flexível, pois está amplamente conectado à ideia de que o mundo já não comporta grande parte dos humanos. Viana (2012) lembra que a última revolução tecnológica gerou um estado de desemprego irremissível. Como não existe outra forma de existência que não seja aquela voltada para a acumulação de capital por via do trabalho, a existência dos indivíduos se converte em disputas por recursos e espaços escassos. Nesse contexto, seríamos levados a encarar uma guerra de um contra todos e de todos contra um. Está, para a autora, seria a atmosfera na qual os reality shows foram concebidos.

Pensar um reality show como espaço de sofrimento, conflitos e disputas televisionados pode auxiliar na análise do conteúdo transmitido pelo Projeto X em seus perfis no Facebook e Youtube. Não obstante esteja fora dos interesses desta pesquisa analisar as reações dos seguidores, é digno de nota o fato de que as postagens com vídeos que expõem situações de conflito e disputas entre os acolhidos obtêm níveis expressivos de engajamento da audiência. No perfil mantido no Facebook, é comum que estas postagens recebam maiores quantidades de reações¹⁴ e comentários dos seguidores. A título de exemplo, pode-se citar o vídeo onde duas jovens mulheres acolhidas aparecem sentadas em um sofá da área comum das instalações da chácara. Neste vídeo, ouvimos o pastor conversar com as mulheres que aparecem enquadradas na tela. Ele pergunta para uma delas: “a gente quer saber por que vocês estão brigando desde a hora do almoço, conta para quem está assistindo o que aconteceu”. A moça, parecendo bastante irritada, responde que a colega sentada ao seu lado lhe desrespeitou enquanto ambas serviam o almoço aos demais acolhidos. Em seu relato, ela informa que ambas tiveram um desentendimento a respeito da quantidade de carne que deveria ser colocada no prato de cada um dos moradores da chácara. A segunda moça interrompe e diz que sua intenção era alertar sobre a possibilidade de faltar alimento para todos os acolhidos, caso os primeiros pratos preparados recebessem uma quantidade maior. Elas parecem não se entender e se acusam mutuamente. A primeira moça acusa a

¹⁴ De acordo com a página de suporte do Facebook, “Uma reação é uma resposta a uma publicação ou um anúncio do Facebook, em que uma pessoa escolhe um de vários emoticons (Curtir, Amei, Haha, Uau, Triste, Grr) para indicar como se sente com relação ao conteúdo da publicação ou do anúncio” Disponível em: https://pt-br.facebook.com/business/help/368656903954046?locale=pt_BR. Acesso em: 19 maio 2024.



segunda de ser “intrometida”, visto que teria menos experiência nas atividades da cozinha e do refeitório. Já a segunda moça diz que a primeira, mesmo sendo mais “antiga” no Projeto X, não tem humildade para receber um conselho de quem apenas estava preocupada em garantir que todos comecem a mesma quantidade de carne. Este imbróglio segue ao longo de aproximadamente 10 minutos e serve como um exemplo entre outras tantas postagens com teor semelhante. As brigas e disputas entre acolhidos parecem angariar mais engajamento dos seguidores da página. Ainda que pareçam acontecimentos triviais que ocorrem entre pessoas que compartilham o mesmo teto durante determinado período, estes desentendimentos parecem mobilizar a produção de um dos conteúdos de maior sucesso da página.

Em outro vídeo postado, mostra-se um rapaz jovem, com aparência debilitada, segurando uma sacola de plástico com o que parece ser algumas peças de roupas. O vídeo começa de forma abrupta, tendo como narrador o pastor que usa um tom de voz incisivo para descrever a situação em tela. De acordo com o líder religioso, o rapaz recém acolhido permaneceu no Projeto X por 10 dias. Durante este período, ele recebeu doações de roupas e calçados, teve os cabelos cortados e recebeu tratamento para o ferimento que trazia em um dos pés. Enquanto o pastor descreve repetidamente estes fatos, o rapaz caminha de um lado para o outro do pátio. Ele parece bastante inquieto, mas não verbaliza uma palavra sequer diante do discurso do pastor. Em alguns momentos, o rapaz abraça a sacola que carrega nas mãos e, em boa parte do vídeo de aproximadamente 7 minutos, continua de cabeça baixa. Mas, o pastor permanece com a mesma postura e diz de forma enfática para o rapaz que se ele quiser mesmo “mostrar para o mundo que ele é um fraco” e “dar esse gostinho ao diabo”, ele pode deixar a chácara, mas sem levar as doações que recebeu dos seguidores¹⁵. O rapaz parece resistir em obedecer às ordens recebidas, mas acaba cedendo diante do tom cada vez mais incisivo assumido pelo pastor. Enfim, ele decide jogar a sacola no canto da parede e imediatamente caminha em direção ao portão que dá acesso à rua. Rapidamente ele passa pelo portão, sem olhar para trás. A filmagem segue acompanhando-o pela rua. Em poucos segundos ele desaparece no horizonte de uma rua de terra batida. Durante este breve desaparecimento do rapaz, o pastor segue narrando o ocorrido e diz que “lá vai mais um derrotado que só queria se aproveitar da chácara” e que não podia deixar ele levar as roupas que ganhou para que não “trocasse por droga”. Nota-se que a narrativa do pastor é movida pela concepção de merecimento, visto que o acolhido só merece usufruir das doações que recebe enquanto permanece na chácara, e pela concepção de derrota diante das forças do mal, uma vez que deixar o Projeto X seria o mesmo que dar um “gostinho ao diabo”. O vídeo, que atingiu mais de 70 mil reproduções, registrou reações diversas dos seguidores, que se dividem na aba de comentários entre aqueles que apoiam a decisão do pastor não deixar o rapaz levar consigo a sacola com as roupas doadas, e aqueles que deixam mensagens de solidariedade ao rapaz.

Se cabe, nesta reflexão, observar o Projeto X como “palco” para a realização de um reality show, pode-se dizer que as postagens onde são exibidos vídeos de acolhidos deixando a iniciativa revelam que este reality show fala mais sobre “fracasso” do que sobre “vitória”. Isso pode ser visto na maneira como os “fracassados”

¹⁵ Em diversos vídeos, é mencionado pelo casal de pastores que os acolhidos recebem doações de roupas e calçados, assim como de valores em dinheiro, de pessoas que acompanham o projeto nas redes sociais. As mulheres e homens recém-chegados ao projeto são apresentados nas lives, ocasião na qual os pastores pedem aos seguidores que façam doações para aquela pessoa. As doações em dinheiro são solicitadas via pix e o pastor é o titular da conta de destino dos valores doados. Em todo material analisado na pesquisa não foi registrada a solicitação de doações em dinheiro diretamente aos acolhidos. Em alguns vídeos, o pastor se justifica dizendo que os acolhidos não podem ter acesso a dinheiro, pois podem usar os valores para comprar drogas.



que deixam o Projeto X são retratados nas postagens, sempre mostrados como homens e mulheres incapazes de enfrentar seus problemas com o uso de SPAs e que se deixam dominar pelas forças malignas. Outro ponto de destaque é a grande rotatividade dos acolhidos pelo Projeto X. Há um fluxo quase que diário no qual saem da chácara pelo menos um ou dois acolhidos, ao mesmo tempo em que chegam outros indivíduos para ocuparem as vagas recém-abertas. Sobre essa questão, nota-se certa semelhança com as CTs, pois nestas instituições igualmente ocorre um fluxo intenso de indivíduos (TARGINO, 2021b).

A exposição dos conflitos entre os acolhidos e dos sofrimentos vividos por eles caminha lado a lado à busca por “cliques” e “curtidas”. Em diversos vídeos postados, tanto no Youtube quanto no Facebook, o casal de pastores pede que os seguidores deixem “um like” para ajudar a continuidade do trabalho do Projeto X, pois quanto maior o número de curtidas, mais recursos poderão obter. Sabe-se que a prática de “pedir likes” nas redes sociais não é uma exclusividade do objeto em análise. Sibilia (2017) nos lembra o quão comum este hábito é entre criadores de conteúdo para plataformas digitais

Um dos indícios do insólito valor que vem ganhando a conquista desses cliques dos outros no ícone com o polegar para cima é o desespero pela acumulação de *likes* entre os membros das redes sociais da internet. Há uma troca de gentilezas implícita, que obedece às normas básicas da etiqueta, mas cada vez é mais notória a implementação de todo tipo de truques visando a incrementar o número de curtidas que recebem os próprios depoimentos ou imagens (SIBILIA, 2017, p.43).

Os pastores responsáveis pelo Projeto X mencionam que suas páginas nas redes sociais são monetizadas, o que quer dizer que há algum rendimento obtido por meio dos conteúdos postados. Todavia, não há registro entre os vídeos analisados onde os líderes do projeto falem a respeito dos valores que recebem de cada uma das redes sociais. Mas, ainda que não falem sobre estes valores, eles são enfáticos ao afirmarem que manter a iniciativa apenas com o rendimento proveniente das redes sociais é impossível, e que as doações recebidas via pix são as principais garantidoras da continuidade do trabalho que realizam.

Considerações finais

Na tentativa de esboçar certa compreensão no que se refere às instituições e iniciativas de caráter religioso que transmitem massivamente nas redes sociais o acolhimento de usuários problemáticos de SPAs, este artigo apresentou a etnografia virtual dos perfis mantidos no Youtube e Facebook por uma iniciativa pentecostal entre os anos de 2022 e 2023. Entre os principais resultados da pesquisa estão a compreensão de que a iniciativa (denominada ao longo do texto como Projeto X) em tela opera tal qual um reality show, ao mesmo tempo em que transforma os testemunhos de seus acolhidos em uma forma de angariar “curtidas” e novos seguidores nas redes sociais.

Importa salientar a maneira como se configura a concepção de cura segundo a narrativa divulgada pelos líderes do Projeto X e compartilhada pelos indivíduos em acolhimento. Neste cenário, para que determinado indivíduo alcance a cura para o uso problemático de SPAs, ele necessariamente precisa se libertar da influência dos demônios. Sendo assim, no que tange à maneira como os usuários problemáticos de SPAs são vistos no contexto pentecostal, a libertação e a cura divina parecem fazer parte do mesmo processo. Papel de suma



importância também é exercido pelos acolhidos que ocupam o cargo de monitores, posto que eles personificam o realinhamento moral diante do uso de SPAs. Considerando que os monitores são indivíduos que demonstraram a capacidade de permanecer em abstinência, eles podem servir de exemplo para que os demais acolhidos assumam uma moralidade que coaduna com os preceitos religiosos compartilhados no Projeto X.

O uso dos testemunhos como forma de demonstrar publicamente as transformações positivas que o “tratamento” ofertado pelo Projeto X é capaz de realizar está em consonância com práticas já bastante conhecidas do universo pentecostal. Por meio do material analisado na pesquisa, pode-se verificar que a narrativa que apresenta o “antes” e o “depois” da experiência dos acolhidos é apropriada como uma estratégia para angariar “curtidas” e novos seguidores para as redes sociais da iniciativa, além de atestar a efetiva libertação e cura da “dependência química” daqueles indivíduos.

No âmbito da constelação de fatores aqui analisados, destaca-se igualmente a dificuldade que indivíduos de camadas populares têm para acessar serviços de saúde de qualidade, incluindo aqueles que são direcionados ao atendimento de usuários problemáticos de SPAs. Em sua pesquisa, Pinezi (2003) aponta para a ligação entre a expansão do pentecostalismo nas classes menos favorecidas e a importância dada por essa religião à cura divina. Segundo a autora, a falta de acesso a serviços de saúde de qualidade e compatíveis com suas necessidades leva grande parte da população de baixa renda a buscar soluções sobrenaturais para problemas de saúde física e mental nas igrejas pentecostais.

No que concerne ao atendimento de usuários problemáticos de SPAs, Costa (2009) lembra que as CTs surgem no Brasil antes mesmo de existir qualquer política pública de atenção ao uso problemático de substâncias no país. Historicamente, as CTs são identificadas como instituições majoritariamente vinculadas a igrejas cristãs que recebem usuários de SPAs oriundos em grande parte das camadas populares. Direcionando o olhar para o Projeto X, é possível perceber que esta iniciativa possui similaridades relevantes com as CTs, especialmente no que diz respeito ao perfil dos indivíduos atendidos. Outrossim, o avanço de iniciativas como o Projeto X e das CTs também está associado ao vácuo deixado pelas políticas públicas brasileiras sobre drogas, que vem sofrendo um extenso processo de desmonte nos últimos anos. Ao analisarem os Centros de Atenção Psicossocial para usuários de Álcool e outras Drogas (CAPS AD) do município do Rio de Janeiro, Brandão & Barroso (2023) ressaltam que os problemas enfrentados pelo Sistema Único de Saúde (SUS) impactam diretamente no cotidiano dos serviços e na relação profissional x usuário no interior do CAPS AD. Segundo as autoras, os registros de falta de abastecimento de alimentação e cortes de energia e água nos serviços de saúde mental demonstram o quanto as políticas públicas voltadas aos usuários de drogas estão precarizadas (BRANDÃO & BARROSO, 2023). Nesta conjuntura, onde as políticas públicas não se mostram eficientes na oferta de atenção à saúde contínua e de longo prazo, as práticas religiosas sobressaem como uma alternativa para atender às demandas de saúde pública.



Referências bibliográficas

- BIRMAN, Patrícia. Males e malefícios no discurso neopentecostal. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira. (Org.). *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.
- BRANDÃO, Beatriz; BARROSO, Priscila Farfan. Falta de alimentação e vínculos precários em serviços de saúde mental voltados para usuários de drogas: o caso do CAPS AD no Rio de Janeiro. *Sertanias: Revista de Ciências Humanas e Sociais*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 1-23, 2023.
- CARRANZA, Brenda. Catolicismo midiático. In: Faustino Teixeira; Renata Menezes (Org.). *As Religiões no Brasil: continuidade e rupturas*. Petrópolis: Vozes, 2006, v. 1, p. 69-87.
- COMSCORE. Tendências Digitais 2023. Disponível em: <https://www.comscore.com/por/Insights/Apresentacoes-e-documentos/2023/Tendencias-Digitais-2023>. Acesso em: 19 jul. 2024.
- CORDEIRO, Veridiana Domingos; GOMES, Letícia Simões; WAIZBORT, Leopoldo. A formação da sociologia digital: emergência de uma nova especialidade na sociologia ou um campo para repensar a própria sociologia? *Plural*, 2023, 30(01), p.5-22.
- COSTA, Selma Frossard. As Políticas Públicas e as Comunidades Terapêuticas no Atendimento à Dependência Química. *Serviço Social em Revista*, v. 12, p. 4, 2009.
- CUNHA, Magali. Política, mídia e religião: o ativismo progressista entre evangélicos brasileiros por meio do Facebook e do Twitter. *Comunicação & Sociedade*, v. 39, 2017a, p. 218-244.
- _____. *Do Púlpito às Mídias Sociais*. Evangélicos na Política e Ativismo Digital. Curitiba: Prismas, 2017b. v. 1.
- FONSECA, Alexandre Brasil. Lideranças evangélicas na mídia: trajetórias na política e na sociedade civil. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, Iser, v. 19, nº 1, junho, p. 85-112, 1998.
- _____. *Evangélicos e mídia no Brasil*. Bragança Paulista: Edusf; Curitiba: Faculdade São Boaventura, 2003.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- HOOVER, Stewart. Mídia e religião: premissas e implicações para os campos acadêmico e midiático. *Comunicação & Sociedade*, vol. 35, n. 2, p. 41-68, 2014.
- IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Nota Técnica nº 21 (Diest): *Perfil das comunidades terapêuticas brasileiras*. Brasília: IPEA, 2017.
- KOZINETS, Robert. *Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2010.
- LOECK, Jardel. Comunidades terapêuticas e a transformação moral dos indivíduos: entre o religioso - espiritual e o técnico - científico. In: SANTOS, Maria Paula (org). *Comunidades terapêuticas: temas para reflexão*. Rio de Janeiro: IPEA, 2018. p. 77-100.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e Pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- MARIZ, Cecília L. Libertação e ética: uma análise do discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo. In: ANTONIAZZI, Alberto. et al. *Nem anjos, nem demônios*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. O Demônio e os pentecostais no Brasil. In: BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira. (Org.). In; *O mal à brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.



- _____. A Rede Vida: o catolicismo na TV. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, NAI, v. 7, nº 20, p. 41-51, 1998.
- _____. A teologia da guerra espiritual: uma revisão da literatura sócio-antropológica. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 47, p. 33-48, 1999.
- PINEZI, Ana Keila. O mal exorcizado. *Revista Impulso*, Piracicaba, v. 14, 2003, p. 65-73.
- PY, Fábio. Padre Paulo Ricardo: trajetória política digital recente do agente ultracatólico do cristofascismo brasileiro. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 13, n. 34, 2021.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. *O que é Pentecostalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- RUI, Taniele. *Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack*. Campinas, 2012. 335 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas.
- SÁ, Simone Pereira. *O samba em rede: Comunidades virtuais, dinâmicas identitárias e carnaval carioca*. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.
- SANTOS, Flávia Martins; GOMES, Suely Henrique de Aquino. Etnografia virtual na prática: Análise dos procedimentos metodológicos observados em estudos empíricos em cibercultura. In: *7º Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Cibercultura*, São Paulo, 2013.
- SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.
- SMILDE, David. *Razão para crer: agência cultural no movimento evangélico latino-americano*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.
- SOARES, Samara Sousa Diniz; STENGEL, Márcia. Netnografia e a pesquisa científica na internet. *Psicologia USP*, 2011, v. 32, p. 1-11.
- SOUZA, Solange Jobim; CARVALHO, Cíntia de Sousa. Ética e pesquisa: o compromisso com o discurso do outro. *Rev. Polis Psique*, Porto Alegre, v. 6, n. spe, p. 98-112, 2016.
- TARGINO, Janine. A espiritualidade no atendimento de mulheres usuárias de substâncias. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 19, n. 60, p. 1078 - 1095, set./dez. 2021.
- _____. Interfaces entre religião, uso problemático de drogas, moralidades e gênero em comunidades terapêuticas. In: RUI, Taniele; FIORE, Mauricio (ed). *Working Paper Series: comunidades terapêuticas no Brasil*. Brooklyn: Social Science Research Council, junho de 2021.
- TEIXEIRA, César. *A teia do bandido: um estudo sobre bandidos, policiais, evangélicos e agentes sociais*. Rio de Janeiro, 2013. 280 f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- _____. O testemunho e a produção de valor moral: observações etnográficas sobre um centro de recuperação evangélico. *Religião e Sociedade*, v.36, n. 2, p.107-134, 2016.
- VIANA, Sílvia. *Rituais de sofrimento*. São Paulo: Boitempo, 2012.